

**PILAR E OS GUARDIÕES DA NATUREZA: A abordagem do Drama na educação infantil**

**PILAR AND THE GUARDIANS OF NATURE: The Process Drama in early childhood education**

**Flávia Janiaski**

[flajaniaski@hotmail.com](mailto:flajaniaski@hotmail.com)

Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD

**Cássia Maria Lopes**

[mestrecassia.atba@yahoo.com](mailto:mestrecassia.atba@yahoo.com)

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

**Resumo:**

Este artigo reflete como a Abordagem do Drama pode ser potente na educação infantil, especialmente ao destacar a ambientação cênica e o uso das materialidades. Considera-se o Drama uma prática artística pedagógica importante, que garante desenvolvimento integral à criança, através de interações e brincadeiras. Para tanto, reflete-se sobre o Drama, suas estratégias e ferramentas, apresentando uma narrativa reflexiva do processo, intitulada *Pilar e os Guardiões da Natureza*, cujo pré-texto foi o livro *Diário de Pilar na Amazônia*, de Flávia Ling e Silva (2019); e, como temática, o 'Cuidar: de si, do outro e do meio ambiente'. O processo foi realizado na EMEI Jean Piaget, na cidade de Uberlândia/MG, em 2023, com o objetivo de investigar um processo de ensino e aprendizagem construído através das investigações das crianças e mediada pelo espaço e pelo professor.

**Palavras-chave:** Educação infantil, Abordagem do Drama, Ambientação Cênica, Materialidades.

**Abstract:**

This article reflects how the Process Drama can be powerful in early childhood education, especially when highlighting the scenic setting and the use of materiality. Drama is an important pedagogical artistic practice, which guarantees integral development for the child, through interactions and children's games. Therefore, we reflect about Drama, its strategies and tools, presenting a reflective narrative of the process, entitled *Pilar e os Guardiões da Natureza*, whose pre-text was the book *Diário de Pilar na Amazônia*, by Flávia Ling and Silva (2019); and, as a theme, 'Caring: for yourself, others and the environment'. The process it happened at EMEI Jean Piaget, in the city of Uberlândia/MG, in 2023, the aim of investigating a teaching and learning process built through children's investigations and mediated by space and the teacher.

**Keywords:** Early childhood education; Drama; scenic setting; materiality.

**O Início**

A primeira infância é única e muito importante para todos; é um momento da vida em que as brincadeiras têm papel estruturante para o desenvolvimento das habilidades e da

personalidade de cada um. Infelizmente, muitas crianças são privadas da oportunidade de brincar, ou mesmo de ter uma infância, no sentido lúdico da palavra. A prática e a teoria nos mostram que quando a criança aprende de forma lúdica e prazerosa, isto é, quando o aprendizado é uma consequência direta do brincar, ela se torna sujeito do próprio processo de aprendizagem.

Por esse motivo, o presente artigo, partiu de uma pesquisa que investigou metodologias e abordagens para a educação infantil, que entendessem a criança como sujeito participativo do próprio processo de ensino e aprendizagem; e que cumprissem as orientações oficiais presentes nos campos de experiências ‘Traços, Sons, Cores e Formas’ e ‘Corpo, Gestos e Movimentos’, da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), assim como, os seis direitos de aprendizagem (conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se). O objetivo foi esquematizar uma prática pedagógica que garantisse o desenvolvimento integral da criança através das interações e das brincadeiras. Para tanto, partimos de investigações de abordagens que fossem mediadas pelo espaço e entendesse o docente como participante/mediador.

Foi neste momento, que escolhemos a abordagem do Drama. De origem inglesa, o Drama visa à incorporação de formas dramáticas na educação, por meio da construção coletiva de uma narrativa, que envolve participantes e coordenadores em um processo de descobertas, mobilizado por um pré-texto e pela imersão em um contexto ficcional.

Após uma revisão da bibliografia existente sobre a abordagem, partimos para a prática e realizamos o processo intitulado *Pilar e os Guardiões da Natureza*, utilizando como pré-texto o livro *Diário de Pilar na Amazônia*, de Flávia Ling e Silva (2019), e como temática, o ‘Cuidar: de si, do outro e do meio ambiente’. A prática aconteceu em parceria com o grupo de pesquisa ‘Esboço Caótica Cia. de teatro e pesquisa cênica’, do qual as autoras fazem parte<sup>1</sup>, nos meses de maio e junho de 2023, na EMEI Jean Piaget, local de trabalho de duas integrantes do grupo.

Tanto a pesquisa quanto o processo de Drama se inspiraram na perspectiva do ensino integral das crianças, na participação e no brincar, de forma a terem liberdade para protagonizarem o próprio processo de ensino e aprendizagem. Desta forma, entendeu-se neste trabalho a criança como sujeito único e a ludicidade como valor necessário para o aprendizado

---

<sup>1</sup> O grupo é formado por estudantes e egressos do curso de Artes Cênicas, da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD bem como por estudantes e egressos do Mestrado Profissional em Artes, da Universidade Federal de Uberlândia - UFU; e coordenado pela Profa. Dra. Flávia Janiaski.

e desenvolvimento infantil, a partir do referencial teórico compostos pelos seguintes autores: Cabral (2006, 2009, e 2014), Janiaski (2020 e 2023), Pereira (2015 e 2021) e Vygotsky (2018).

## O Drama e a Educação Infantil

De acordo com os documentos norteadores da Educação Infantil - Lei de Diretrizes e Bases (Brasil, Lei n. 9.394/1996), Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI, 1998), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2013) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2016) -, todas as crianças de zero a cinco anos têm direito à escola gratuita e de qualidade, assim como o direito de viver a infância e se desenvolver.

As DCNEI e a BNCC elegem o Brincar e o Interagir como pilares fundamentais no dia a dia dos pequenos na escola, assim como garantem que as propostas e práticas realizadas na educação infantil devem ser contextualizadas e de relevância para as crianças. Afinal, através das brincadeiras e interações, elas ampliam o conhecimento do mundo em que estão inseridas, valorizando sua cultura através das diferentes linguagens artísticas (visuais, música, dança e teatro).

A criança aprende ao brincar e ao se divertir, a essência do aprendizado está na experiência lúdica. Para as crianças, o brincar é uma forma de linguagem e comunicação com o mundo e com as pessoas à sua volta, assim como uma maneira de elas expressarem seus sonhos, seus medos, sua criatividade, e também uma forma de aquisição de autonomia. (Janiaski, 2020, p. 63).

Desse modo, o 'brincar' possui os elementos necessários para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social da criança. A brincadeira infantil possui características intrínsecas, como a imaginação e a imitação, além de regras e interações com outras crianças e com os adultos, que colaboram para que se tornem cidadãos críticos na sociedade. Partindo dessa premissa, defendemos que a educação infantil deva ser um espaço de acolhimento, em que as crianças se sintam respeitadas e valorizadas em suas criações e produções culturais e que, sobretudo, possibilite a construção cotidiana de um pensamento sensível e crítico. Compreendendo o currículo como um entrelaçamento de saberes, fazeres, concepções, valores, poderes e identidades.

Nesse sentido, a abordagem do Drama se apresenta como uma possibilidade, com grande potencial, a ser realizada com a educação infantil. Essa abordagem surgiu na Inglaterra por meio dos trabalhos das pioneiras Dorothy Heathcote (1926-2011) e Cecily O'Neill. A

professora e pesquisadora Beatriz Ângela Vieira Cabral trouxe o Drama para o Brasil, na década de 1990. Se na Inglaterra o Drama, ou *Process Drama*, tem sua origem no chão da escola, no Brasil, ele foi abordado inicialmente através de pesquisas realizadas na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), relacionadas ao ensino do teatro e ao fazer teatral.

Em linhas gerais, podemos dizer que o Drama propõe a incorporação de formas dramáticas no contexto educacional, visando a processos de ensino-aprendizagem da linguagem teatral, mas também de temáticas ou conteúdos previamente selecionados. Segundo Biange (2014), o Drama está centrado no envolvimento de seus participantes com a temática abordada dentro da experiência dramática:

A configuração de uma experiência, em drama, parte da associação da função do professor e dos alunos a papéis sociais e ficcionais distintos. A investigação cênica (em ação) inclui a exploração do contexto ficcional, através de um processo centrado em uma sequência de episódios, através de distintos enquadramentos e papéis do professor (Cabral, 2014, p. 105).

O Drama possui quatro princípios estruturantes: pré-texto, processo/episódios, contexto de ficção e vivência de papéis (Janiaski, Perobelli e Menegaz, 2023). Resumidamente: o pré-texto é o *start* para a imersão dos participantes no Drama, funciona como ponto de partida e guia durante todo o processo. Algo que serve de estímulo inicial, mas também de fio condutor da ação: um ‘pano de fundo’, com indícios da trama, capaz de causar interesse nos participantes, convidando-os a participarem do processo. Pode ser uma peça de teatro, um livro, uma história, um conto, entre outras possibilidades.

O processo/episódios parte da ideia de que a atividade se desenvolve de forma processual e é composta de acontecimentos. O Drama articula uma série de episódios, “os quais são construídos e definidos com base em convenções teatrais criadas para possibilitar seu sequenciamento e aprofundamento” (Cabral, 2006, p. 12). É possível comparar o Drama a séries de *streaming*, ou seja, a um enredo dividido em episódios, com começo, meio e fim em cada um deles, que deixa ‘ganchos’ ou mistérios para serem resolvidos no episódio seguinte, instigando o interesse dos participantes. A quantidade de episódios vai depender do contexto e dos objetivos do condutor do processo.

O contexto de ficção é intrinsecamente ligado aos episódios, ao pré-texto e à temática escolhida para ser trabalhada. A trama se desenvolve no contexto ficcional e é ele que determina os papéis que serão vivenciados pelos participantes, por isso, é importante que o

contexto de ficção escolhido tenha pontos de contato com a realidade dos participantes, a fim de que seja crível e possa despertar o interesse e a atuação de todos os envolvidos, pois “Quanto mais vinculada à realidade do grupo o contexto ficcional estiver, mais potente será o Drama. Ainda que seja uma proposta de ficção fantástica” (Janiaski, Perobelli e Menegaz, 2023, p. 19).

Para complementar, há as vivências dos papéis, em que participantes e coordenadores experimentam personagens durante o processo. Desse modo, eles se descolam da postura passiva de expectadores para se colocar no movimento do jogo, dentro da ação dramática, o que lhes proporciona liberdade para se expressarem e para criarem em grupo. Nesse sentido, o Drama é uma experiência de partilha, de interações, que trazem outros olhares para os processos de ensino e aprendizagem. Ele tem o potencial de transformar o real por meio do ficcional, nos fazendo transitar entre realidade e ficção no decorrer do jogo, usando o pensamento racional e a imaginação através da imersão no processo.

Além desses princípios, há estratégias ou ferramentas, utilizadas na preparação de um processo de Drama. Em nosso caso, trabalhamos com a ambientação cênica e com materialidades. A ambientação cênica pode ser definida como “a organização de um espaço real de forma a nos transportar a lugares fictícios a partir de um conjunto de materialidades que simboliza outro espaço, sendo capaz de provocar sensações, percepções, pensamentos e emoções” (Janiaski, 2023, p. 29). Ela é importante na construção do processo de Drama, por despertar a sensação de pertencimento nos envolvidos e ao ilustrar fisicamente o espaço onde acontece a narrativa, que queremos criar.

A questão de uma materialidade que sustenta a ficção é muito relevante, especialmente para a educação infantil, pois os pequenos estão na fase das experimentações corporais, sensoriais e emocionais. Portanto, a ambientação cênica e as materialidades têm que ser significativas e ricamente construídas, possibilitando uma interação lúdica. As materialidades podem ser os mais variados estímulos, neste caso, para que as crianças entrassem no mundo de Pilar, usamos: cartas, crachás, instrumentos musicais, alimentos, figurinos, folhas, água, rede, etc., para aguçar os sentidos e as sensações, possibilitando a experimentação e a troca entre todos através da imersão no processo.

## **A Construção do Processo**

O primeiro passo a ser definido foi a temática que iríamos trabalhar: O cuidar: de si, do

outro e do meio ambiente. A escolha do tema se deu por indicação do projeto pedagógico da EMEI e, a partir disso, construímos o Drama nas reuniões do grupo de pesquisa. Foram dois meses de preparação e de leitura até a escolha do livro que seria nosso pré-texto - *Diário de Pilar na Amazônia*, de Flávia Ling e Silva (2019).

Após definir temática e pré-texto, foi preciso delimitar e escolher o contexto ficcional: “Pilar está na escola para convidar as crianças a se juntarem a ela na Sociedade dos Guardiões da Natureza (SGN), a fim de ajudá-la a achar o Curupira, porque ele tem um artefato com o poder de proteger e de salvar a natureza. Assim, as crianças são levadas a conhecerem e a investigarem a biodiversidade e as diferentes culturas e povos, que vivem na Amazônia. Ao final, elas devem decidir se cada uma traz seu *muiraquitã*<sup>2</sup>, para cuidar da natureza que os cerca, por onde estiverem oportunidade ou se deixarão todos lá, para protegerem a Floresta Amazônica”.

Com a definição dos três elementos bases do Drama, começamos a preparar os episódios. A prática aconteceu em dois episódios, com a participação de cinco turmas da escola, divididas em três grupos, totalizando 63 crianças entre três e cinco anos.

Optamos por trabalhar detalhadamente a ambientação cênica e o uso das materialidades, pensando os contextos, real e ficcional, que queríamos explorar.

A essência do Drama é a justaposição de dois contextos concretos: o real e o ficcional e, portanto, se uma criança de 03 anos, sentada em uma cadeira, com os braços esticados, fingi dirigir um carro, o significado dessa experiência vai ser melhor compreendido e poderá ser explorado pelo professor se esse levar em consideração que há um processo dialético entre os dois contextos – entre a exploração pessoal do seu corpo (no contexto real) e a performance (no contexto ficcional) (Pereira, 2021, p. 42).

Acreditamos que a representação ficcional das crianças, que se estende para o uso e experimentação de seus corpos no espaço, bem como a facilidade dos pequenos de transitarem entre realidade e ficção, pode ser potencializada ao utilizarmos a ambientação cênica e as materialidades concretas.

A primeira ação pensada pelo grupo foi enviar uma carta escrita pela Pilar (personagem principal da história) para as crianças. O objetivo, por um lado, era aguçar a curiosidade das crianças para conhecer Pilar e, por outro, prepará-las para receberem pessoas ‘estranhas’ à convivência escolar. Desta forma, a carta escrita a mão, com letra cursiva, em envelope feito de papel filipino verde, com uma folha retirada de um pé de limão, chega as mãos das crianças por

---

<sup>2</sup>Amuletos utilizados pela cultura indígena (fizemos pequenos objetos esculpidos em EVA).

uma professora da escola, que alega ter recebido do correio.

*Olá, meus amigos! Eu sou a Pilar, uma aventureira de dez anos de idade, fundadora da Sociedade dos Guardiões da Natureza (SGN). Sei que vocês não me conhecem ainda, mas logo conhecerão!*

*Acabei de descobrir um portal, que fica exatamente na escola de vocês. Ele nos levará para um lugar mágico e incrível, mas vocês só saberão quando chegarmos aí. Então peço a ajuda de vocês nessa aventura.*

*Preciso que vocês não falem no dia agendado e se preparem para a nossa jornada.*

*Pilar*

As crianças receberam a materialidade da carta e escutaram sua leitura. Vale lembrar que o convite, para que as crianças participassem na semana seguinte, foi enfatizado e que explicamos que Pilar estava à procura de crianças, que aceitassem ser guardiãs da natureza. Dissemos também que a escola havia sido escolhida, por possuir um portal capaz de nos transportar para outro lugar, caso aceitássemos participar da aventura. Importante destacar, que envolvemos os pais no processo, primeiro enviando bilhetes e solicitando a autorização para que seus filhos e filhas participassem do processo e em um segundo momento solicitando que eles enviassem uma comida típica mineira.

Em relação à ambientação cênica, ou seja, à modificação do espaço cotidiano por meio da inserção de materialidades relacionadas à história apresentada, Janiaski (2020) ressalta que:

Uma ambientação cênica conectada com o contexto de ficção da história, capaz de gerar material que desse suporte à narrativa, transmitisse segurança para as crianças se soltarem e envolvesse os pequenos com estímulos visuais, sonoros e táteis. Tudo isso por acreditar que, ao abranger aspectos plásticos, audiovisuais, musicais e linguísticos, o trabalho seria capaz de mobilizar as dimensões sensório-motora, simbólica, afetiva e cognitiva da criança (Janiaski, 2020, p. 183).

O ambiente em que ocorrerá a ação precisa inspirar confiança e cumplicidade, pois, dessa maneira, as crianças se sentirão seguras para brincarem no espaço proposto. Janiaski (2020) relata que diferentes teóricos abordam a importância do ambiente físico na formação dos pequenos: “tanto Dewey quanto Vygotsky descreveram em seus estudos como é importante um ambiente físico rico com materiais e objetos; este ambiente afeta diretamente o comportamento e o aprendizado infantil, assim como também afeta os professores” (Janiaski, 2020, p. 182).

No processo de Drama desenvolvido, foi de grande importância pensar em uma ambientação cênica que, prontamente, convidasse as crianças a participarem do jogo. Era

essencial que elas ocupassem e explorassem o espaço sensorialmente, corporalmente e emocionalmente, ao mesmo tempo, em que o espaço as transportasse para dentro do contexto ficcional do processo. Para tanto, preparamos uma ambientação cênica no corredor da escola, que dá acesso ao parque com grama e árvores. Utilizamos galhos formando arcos, folhas secas espalhadas pelo chão, TNT (marrom e verde) para a entrada do portal e uma rede, que, segundo a história, era mágica e os levaria até a Amazônia.



**Figura 01:** Ambientação cênica no corredor de acesso ao parque. **Fonte:** EMEI Jean Piaget, Uberlândia, 2023. Fotografia do Arquivo pessoal.

## A Chegada de Pilar

Para o primeiro episódio, dividimos as crianças em três grupos. Ao chegar na escola, o primeiro grupo de crianças foi levado ao refeitório à espera de Pilar. A equipe entrou no local, cantando e dançando uma canção elaborada para a ocasião, por Carlos Eduardo Soares (integrante do grupo de pesquisa):

*Vimos de bem longe com histórias para contar  
Precisamos de amiguinhos com o poder de imaginar  
Falaremos sobre o fundo do mar, princesas e dragões  
Seremos detetives, super-heróis e espiões  
Com a turma do Drama  
Sempre tem emoção!  
Preparem os ouvidos  
E acalmem o coração.*



Partindo do contexto ficcional estabelecido, a professora-personagem-Pilar apresentou o desenho do personagem (Curupira), dizendo às crianças que ele poderia ajudá-las na missão de salvar a natureza, importante ressaltar que o desenho foi feito por uma criança. Então, queríamos saber se as crianças conheciam, ou reconheciam, o personagem pelo desenho e prontamente uma delas respondeu, muito convicta de sua suspeita: 'Deve ser da família do Saci Pererê!'.



**Figura 02:** Pilar apresentando o Curupira<sup>3</sup>. **Fonte:** Refeitório da EMEI Jean Piaget, Uberlândia, 2023. Fotografia da autora

Ao possibilitarmos a oportunidade das crianças, dessa faixa etária, viverem experiências em que o processo dramático as envolve de forma lúdica, com voz ativa e colaborando com a resolução do problema, proporcionamos que sejam construtoras do próprio processo de ensino aprendizagem.

Não serão meros receptores de conhecimento, pelo contrário, ao serem tratadas como especialistas, como responsáveis pela realização de uma tarefa, pela análise de um material, pela confecção de algo, pela execução de uma atividade, elas constroem seus conhecimentos e ampliam sua percepção a partir da experimentação (Pereira, 2021, p. 84).

Esse modo de pensar a aprendizagem na educação infantil se relaciona diretamente com o item 4 da DCNEI (2010), que dispõe sobre a necessidade das atividades respeitarem os princípios éticos, políticos e estéticos:

---

<sup>3</sup> Todas as imagens apresentadas neste artigo foram autorizadas previamente pelos responsáveis.

As propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os seguintes princípios: I – Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades. II – Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática. III – Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais (Brasil, 2010, p. 16).

Retomando o relato do processo, após a apresentação do desenho do Curupira, cada criança recebeu um crachá com seu nome<sup>4</sup> e lhes foi solicitado que escolhessem um codinome para pertencerem à Sociedade dos Guardiões da Natureza (SGN). No crachá havia um espaço para que a criança colocasse sua digital e, para essa ação, utilizamos tinta vegetal produzida a partir do urucum. Nessa atividade, as crianças tiveram a oportunidade de conhecer as sementes de urucum, suas folhagens e múltiplas utilidades: tempero, corante alimentar e tinta, para os nativos da Amazônia. Utilizamos uma casca de coco como recipiente para a tinta e as crianças a manusearam para imprimirem sua digital.



**Figura 03:** A confecção dos crachás. **Fonte:** EMEI Jean Piaget, Uberlândia, 2023. Fotografia arquivo pessoal.

Após a confecção dos crachás, as crianças foram convidadas a passarem por um ‘portal’ a fim de chegarem à Amazônia. O portal aludia ao pré-texto escolhido, no qual Pilar possui uma rede mágica com a qual viaja para distintos lugares do mundo. A partir dessa ideia, as crianças viajam através da rede para a Amazônia. Então, professora-personagem-Pilar as convidou a passarem pela ‘Rede Mágica’, cantando *‘Rede mágica me leva que eu vou, me leva onde for. Me*

<sup>4</sup> Os crachás foram previamente confeccionados pelo grupo, uma vez que as crianças ainda não são alfabetizadas nessa etapa da educação.

*leva com Pilar para a Amazônia, por favor'*, ao mesmo tempo em que uma a uma era embalada na rede e saía em direção ao corredor, que já estava ambientado cenicamente para o processo.



**Figura 04 e 05:** Criança sendo embalada por Pilar e atravessando o corredor. **Fonte:** EMEI Jean Piaget, Uberlândia, 2023. Fotografia arquivo pessoal.

Ao entrarem na “floresta amazônica” viam uma Acácia Imperial e, ao seu redor, plantas, folhas, umbigo de bananeira, adereços (colar, brincos e pulseiras) confeccionados por indígenas, que visitaram nossa cidade em anos anteriores, um cartaz com algumas palavras na língua tupi-guarani e, posteriormente, alimentos para degustação. Ao chegarem à floresta, os participantes encontram a professora-personagem-cientista, que lhes narra as lendas do Açaizeiro e do Pirarucu, além de apresentar quatro palavras na língua tupi-guarani: Açu (grande), Mirim (pequeno), Jaci (Lua) e Coaraci (Sol).



**Figura 06:** Professora-personagem-Cientista contando as lendas. **Fonte:** Parque da EMEI Jean Piaget, Uberlândia, 2023. Fotografia arquivo pessoal.

Nesse momento, são apresentados alguns alimentos típicos da região amazonense, como o Açaí e a Pupunha. A abordagem do Drama, nesse contexto, é uma experiência capaz de forjar práticas pedagógicas mais significativas e intensas para as crianças, do que a escuta passiva de uma história, por exemplo, pois ela aguça os sentidos (tato, olfato, paladar, visão e audição).

Após a degustação das comidas típicas, a professora-personagem-cientista pergunta o que os levou para aquela região, as crianças mostram o desenho do Curupira e dizem que o estão procurando e, como resposta, a cientista avisa que podem encontrar pistas pescando os Pirarucus no rio. A brincadeira da pescaria simbolizou os rios e o grande Pirarucu presente na lenda narrada às crianças, e lhes dava pista de como encontrar um baú. Dentro do baú havia um apito, que imita o som de pássaros, chamado Uru<sup>5</sup>. Vale destacar que as crianças ficaram eufóricas com o instrumento e todas queriam pegá-lo na mão.

---

<sup>5</sup> Instrumento de sopro que simula o som de animais (Uru: pequeno galináceo florestal topetudo), utilizado por adeptos de passeios ecológicos, para facilitar a aproximação do ser humano com o animal.



**Figura 07 e 08:** Abertura do baú e apito disputado pelas crianças. **Fonte:** EMEI Jean Piaget, Uberlândia, 2023. Fotografia arquivo pessoal.

Junto ao apito, havia também um pergaminho com o seguinte escrito:

*Para o nosso guardião chamar  
Um alimento é preciso ofertar  
Em três dias no pé da árvore colocar  
Com o apito Uru, três assopros devem bastar.*

Após a leitura do pergaminho, foi explicado que as crianças deveriam levar pratos típicos da região para atraírem o Curupira e, em seguida, elas retornaram à escola, passando novamente pelo rito da rede.

## O Curupira

No dia combinado, as crianças novamente foram convidadas a se embalarem na ‘rede mágica’, realizarem o ritual e mais uma vez entrarem na floresta amazônica. Para gerar confiança no grupo e na ‘aventura’ novamente o grupo recebeu os pequenos cantando no refeitório, antes de se encaminharem até a rede. A professora-personagem-Pilar, com o desenho do Curupira em mãos, compartilhou a história do artefato mágico (Muiraquitã), que protegeria a natureza, convidando as crianças a passarem pela rede mágica explicando a missão do dia: ‘Guardiões da Natureza, nossa missão é preservar a natureza e manter a magia da

floresta. Vocês trouxeram os alimentos da região de Minas Gerais? Isso é muito importante para nossa interação com o Curupira’.

Ao passarem pelo portal, as crianças se depararam com um ‘chuvisco’, que representava a umidade da Amazônia e a temporada de chuva, para criar esse ambiente foram utilizados borrifadores com água. Ao chegarem ‘do outro lado’, a professora-personagem-Pilar as instruiu para deixarem os alimentos, que seriam oferecidos ao Curupira, no pé da grande árvore, a fim de atraí-lo até lá. Após colocarem os alimentos próximos à árvore, como oferendas coloridas e variadas, com os sabores, cores, aromas e costumes da culinária mineira, as crianças esperaram a possível chegada do Curupira, observando atentamente ao seu redor.

De repente, um som suave e mágico ecoou pela floresta, anunciando a presença do folclórico guardião. As crianças ficaram surpresas e encantadas quando o professor-personagem-Curupira, envolto em uma aura de mistério, apareceu diante delas. Ele sorriu para as crianças, agradecendo-lhes a generosidade e por partilharem os tesouros da região, falou da importância de preservarmos a floresta e do cuidado com o meio ambiente, transmitindo mensagens de conscientização da natureza aos pequenos.

As crianças compartilharam muitas histórias e brincadeiras com o professor-personagem-Curupira, dividiram as delícias de Minas Gerais com todos que participavam do processo e em seguida brincaram de ‘milho, pipoca e panela de pressão’, porém, utilizando as palavras na língua tupi-guarani, que os pequenos aprenderam no primeiro episódio do Drama: Açú, Mirim, Jaci e Coaraci. Cada palavra se relacionava a um movimento específico, que deveria ser realizado pelas crianças: Açú - ficar de pé; Mirim - agachar; e Coaraci - rodar.



**Figura 09 e 10:** Mirim – agachar / Coaraci – rodar. **Fonte:** EMEI Jean Piaget, Uberlândia, 2023. Fotografia arquivo pessoal.

Ao final do processo, as crianças precisavam decidir coletivamente se elas aceitariam os *muiquitãs*, para cuidarem dos amigos, respeitarem os colegas, protegerem a natureza e as suas casas, ou se elas deixariam os amuletos na floresta para proteção da mesma. O professor-personagem-Curupira propôs aos pequenos a responsabilidade de cuidarem de si, dos outros e também do meio ambiente. Se eles aceitassem a tarefa, fariam o juramento e seriam membros permanente da SGN.

As materialidades não apenas deram veracidade à história, ao faz de conta, como também transformam a experiência em algo mais concreto e memorável para as crianças, especialmente, porque elas teriam um objeto para levarem para suas casas, que simbolizaria as experiências vividas durante o processo do Drama.



**Figura 11 e 12:** Entrega do colar. **Fonte:** EMEI Jean Piaget, Uberlândia, 2023. Fotografia arquivo pessoal.

### As Reflexões

Nesse trabalho viabilizou-se uma vivência - capaz de gerar outros significados e entendimentos para os pequenos, assim como o espaço escolar como um todo. A abordagem do Drama possibilita pensar um trabalho em rede, com parcerias entre docentes e funcionários da escola, por exemplo, algo que está na contramão da realidade da maioria dos professores, que enfrentam uma caminhada solitária, sem estímulo para a preparação das aulas, que é um “ato de Criação”: “Quando falamos do teatro então, esta preparação é um ato de criação artística, que por vezes é extremamente solitário e difícil... por isso essa experiência foi muito importante e potente, porque foi realizada em parceria, em rede”. (Janiaski, Perobelli e Menegaz, 2023, p.105)

A proposta de vivência precisa ser concebida em parceria com os envolvidos, desse modo, os profissionais terão um olhar diferente sobre as possibilidades e potencialidades de criação em suas aulas. Reconhecemos que, às vezes, ser professor nos leva ao isolamento, apesar de termos os momentos de formação continuada. Na abordagem do Drama existe a possibilidade de “potencializar este estado de criação ao criar junto com o(a) outro(a) e alimenta o `ser` professor(a)” (Janiaski, Perobelli e Menegaz, 2023, p. 119).

Em relação às crianças, houve muita exploração e elas puderam apalpar, cheirar, degustar, sentir, imaginar e muito mais, pois os estímulos estavam diante delas concretamente. Durante o processo, elas foram tratadas como sujeitos únicos, com direitos e necessidades de



se comunicar e interagir ou não com o que estava sendo proposto pelo grupo. Na figura abaixo, fotografamos um momento em que a atividade proposta era ouvir os contos e lendas da Amazônia, e uma das crianças estava sentada de costas para o grupo, brincando com a terra e as folhas.



**Figura 13:** Criança brincando. **Fonte:** EMEI Jean Piaget, Uberlândia, 2023. Fotografia arquivo pessoal.

Talvez em uma proposta mais ‘tradicional’ de ensino, seria solicitado à criança que se virasse para frente e prestasse atenção na história, que estava sendo contada, no entanto, no Drama, a criança tem autonomia para participar, ou não, da atividade proposta, portanto nesse momento, a opção do garoto foi explorar o ambiente, colocar a mão na terra, brincar com as folhas secas e os gravetos. Ele estava explorando texturas e cheiros, com liberdade para construir um conhecimento pessoal específico naquele momento, que emergiu com o Drama, mas que partiu de sua autonomia.

Vivenciar momentos em que pode ser ativa e não apenas receptora, permite à criança se sentir valorizada por participar e decidir a brincadeira. Isso a transporta do ficcional ao real, proporcionando um aprendizado via ludicidade, que respeita o seu tempo. Podemos dizer que, na abordagem do Drama, as vivências têm o potencial de enriquecerem as relações sociais, refletindo-se na realidade dos pequenos (Vygotsky, 2018), assim como momentos de autonomia, por isso, proporcionar um ambiente rico na escola é uma maneira de corroborar o desenvolvimento cultural e social das crianças.

Finalizamos esta reflexão, certas de que ao incorporar as práticas artísticas e pedagógicas, como a abordagem do Drama, na educação infantil, permite-se a efetiva participação das crianças nos processos de criação, além de serem oportunidades para os educadores criarem um ambiente de aprendizado dinâmico, participativo e imaginativo, que promove o desenvolvimento das crianças de forma lúdica.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para Educação Infantil** - RCNEI. v. 1, Introdução. Brasília: MEC/SEF, 1998 . Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\\_vol1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf). Acesso em: 12 fev. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução n. 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: DOU. PDF. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb005\\_09.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb005_09.pdf). Acesso em: 12 fev. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Proposta preliminar. Terceira versão revista. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

CABRAL, Beatriz Ângela V. **Drama como método de ensino**. São Paulo: Hucitec, 2006.

CABRAL, Biange. O Teatro no Espaço da Cidade: O Lugar Praticado. **O Percevejo on-line**. Rio de Janeiro, v. 1, n .1, p. 01-12, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://seer.unirio.br/opercevejoonline/article/view/484/409>. Acesso em: 12 fev. 2024.

CABRAL, Biange. Drama mapeando percursos. **A[L]BERTO** - Revista da SP Escola de Teatro. São Paulo, v. 6, p. 104-113, 2014.

JANIASKI, Flávia. **Colocando um novo ponto em cada conto**: possibilidades de inserção do teatro na educação infantil. 1. ed. São Paulo: Editorial, 2020.

JANIASKI, Flávia; PEROBELI, Mariene; MENEGAZ, Wellington. **Drama através do espelho**: processos artísticos e pedagógicos em ambiente digital. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2023.

MENEGAZ, Wellington. **Perspectivas do Drama no Brasil**. *ouvirouver* Uberlândia v. 16 n. 2 p. 363-374 jul.|dez. 2020. DOI 10.14393/OUV-v16n2a2020-58040.

PEREIRA, Diego de Medeiros. **Drama na educação infantil**: experimentos teatrais com crianças de 02 a 06 anos. 2015. 296f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

PEREIRA, Diego de Medeiros. **Que Drama é esse?!?:** práticas teatrais na educação infantil. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2021.

SILVA, Flávia Lins. **O Diário de Pilar na Amazônia.** 3. ed. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2019.

UBERLÂNDIA. Secretaria Municipal de Educação. **Diretrizes Curriculares Municipais de Uberlândia**, v. 2 - Educação Infantil. Uberlândia, 2020. Disponível em: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/educacao/diretrizes-%20curriculares-municipais/>. Acesso em: 12 fev. 2024.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância:** ensaio psicológico livro para professores. Tradução e revisão técnica de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

Artigo submetido em 25/07/2024, e aceito em 21/08/2024.